

Leandro Assis e Triscila Oliveira. *Confinada*. São Paulo: Todavia, 2021

Renan Henrique Messias de Paulo¹

Em 2020 o mundo parou pela pandemia da Covid-19. Os que não perderam a vida tiveram que lidar com uma nova realidade, um novo modo de vida pautado na impedição, na medida do possível, da circulação de pessoas. Essa nova vida, do ficar em casa, promoveu um olhar mais atento para a própria existência subjetiva e do ser humano.

Nesse contexto de medo do vírus, da morte e da doença, milhares de pessoas viveram angustiados à espera da cura, da salvação e do fim da pandemia que alterou a forma como vivemos desde então. Apesar de não parecer, muitas coisas aconteceram enquanto o mundo parecia estático. Graças ao advento das tecnologias de informação, as redes sociais se mostraram eficazes não apenas no entretenimento das pessoas, mas também serviram para informar, educar, ligar pessoas, transmitir carinho e, também, promover o surgimento de *influencers* digitais. Vale ressaltar que o uso da tecnologia é desigual, pois no cenário do mundo contemporâneo nem todas as nações possuem fácil acesso à internet e aos meios de comunicação.

Num primeiro momento esses *influencers* digitais viveram um grande baque com as súplicas de “fique em casa”, uma vez que os mesmos viviam mostrando suas vidas fora delas. Aprisionados em seus lares, no Brasil tiveram alguns caminhos: o primeiro, e mais sensato, era de ficar em casa, ajudar na propagação da ciência através das mídias digitais e contribuir com a consciência social; o segundo, e menos sensato, era seguir a lógica irracional do ex-presidente que, sempre que pôde, negou a existência do vírus, diminuiu a dor das vítimas, atacou a ciência, propagou *fake news* e promoveu políticas públicas genocidas. Essa segunda classe de *influencers* alimentaram a cultura da violência, do ódio e da insensatez.

O terceiro caminho são dos oportunistas, que diante da crise sanitária, humanitária, política e social em que o país se encontrava apenas utilizou de suas redes sociais para fazer dinheiro, influenciar pessoas (para o bem e para o mal), e ganhar seguidores.

Encontramos esse terceiro sujeito na personagem Fran, do livro em quadrinhos *Confinada*, de Leandro Assis e Triscila Oliveira, publicado em 2021 pela editora Todavia. A

¹ Mestrando em Estudos de Literatura na Universidade Federal de São Carlos. São Paulo. Brasil. ORCID: 0000-0002-6909-7328. E-mail: renan.messias@estudante.ufscar.br

obra conquistou o troféu Angelo Agostini, tradicional e importante premiação de quadrinhos do Brasil, nas categorias “Melhor roteirista” e “Melhor lançamento”.

Triscila Oliveira é uma escritora ativista social que utiliza seu alcance nas redes sociais para denunciar e lutar contra as desigualdades. Leandro Assis assina a arte da obra e seu roteiro. Experiente roteirista, Leandro Assis tem como principais trabalhos as séries *A mulher invisível*, exibida pela Rede Globo em 2011 e *Magnífica 70*, exibida pela HBO entre os anos de 2015 e 2018.

Confinada é baseada nos estereótipos da realidade que os autores observaram nos anos em que o Brasil enfrentou a pandemia. A cirúrgica representação das classes sociais é entendida também como uma forma de marcar os limites entre ricos e pobres; homens e mulheres; brancos e não brancos. Nessa dialética conseguimos entender o papel das minorias como submissos aos brancos e ricos. A pandemia aumentou, e muito, esse contraste social.

A obra apresenta a história de Fran, uma influenciadora fútil que vê as redes sociais apenas como oportunidade de enriquecer e ficar cada vez mais famosa. Com a pandemia da Covid-19, Fran se vê sozinha em seu apartamento luxuoso no Rio de Janeiro. Das suas três empregadas, apenas Ju decide passar a pandemia com a patroa, as demais vão para casa cuidar de seus entes queridos que pertencem ao grupo de risco. Ju, uma mulher preta, aceita o convite de Fran para passar a quarentena com ela, pois precisa muito do emprego para poder sustentar sua família. Aos poucos, Ju se depara com a crueldade da relação entre empregada e patroa.

Enquanto Fran passa horas do seu dia movimentando suas redes sociais, compartilhando a falsa ideia de uma vida normal, saudável e “good vibes”, a forma como Fran trata Ju é cada vez mais problemática, pois essa relação é pautada no preconceito, no racismo e no ódio de classes. Maria Homem em *Lupa da alma: quarentena-revelação* (2020) diz que a vida nesses tempos pandêmicos gera uma série de sintomas de mal-estar na civilização, entre eles, a violência do relacionamento entre Fran e Ju.

Às vezes, um tipo peculiar de sofrimento vem à tona: o exercício da violência. Normalmente sobre o outro mais frágil que vive com você [...]. Há também, e isso vem de longe, mas agora é gritante, a violência agressiva e ofensiva em que nos permitimos chafurdar nas redes sociais (HOMEM, 2020, p. 19).

A história de *Confinada* não é novidade para quem viveu no Brasil durante a pandemia. Vimos influenciadores que abusaram de seus seguidores para promover marcas que não pensavam em salvar vidas, mas sim em lucrar com o caos. Na obra, num dado momento da história, Fran faz a propaganda de uma marca de roupas que estavam com uma campanha:

Gente, uma super dica para vocês! Todo mundo sabe que eu amo as roupas da Ahnus, né? Hoje eles mandaram um presentinho... vocês não vão acreditar! Achei super bacana da parte deles de pensarem na gente nesse momento. Essa pandemia. Esse vírus. E a gente tendo que se cuidar. Então a Ahnus lançou essa linha de máscaras. *Breathe & Survive*. Olha que linda. 147 reais o *pack* com duas máscaras. Na compra do *pack*, você garante uma cesta básica para uma família favelada (ASSIS; OLIVEIRA, 2021, p. 22)

O desprezo, a falta de consciência de classe e o preconceito é maior do que a noção e o cuidado com as palavras. A família de Fran também merece destaque dentro da história. De novo, não que seja novidade para quem viveu no Brasil durante a pandemia, mas acompanhamos em vários momentos familiares que brigam em supermercados por não usarem máscaras; o marido que é impedido de retornar ao Brasil pois se recusa em usar a máscara; parentes que espalham *fake news* que os partidos comunistas querem dar um kit gay às crianças nas escolas; os amigos que fazem festas clandestinas, destinam ódio aos nordestinos e pessoas não brancas; entre outros tristes retratos da face preconceituosa e dos extremos conservadores que em poucos anos foram perdendo a vergonha de se exporem. “O Brasil virou isso! Um país de comunista, viado, negro, maconheiro, bandido! Ninguém respeita mais nada! Nem a família! (ASSIS; OLIVEIRA, 2021, p. 58).

Fran, assim como outras influenciadoras reais de nosso país, faz festa clandestina em casa e “foda-se o corona!” (ASSIS; OLIVEIRA, 2021, p. 61); diz para todos ficarem em casa, mas insiste e coage sua empregada a ficar com ela; espalha amor virtual para seus seguidores, mas trata quem não tem a mesma condição socioeconômica que a sua de forma cruel e desprezível. Fran também é cancelada e, após longa conversa com sua assessora, aparece com a cara limpa, sem filtro e maquiagem, com camiseta branca para pedir desculpas, dizer que se arrependeu e que os erros foram necessários para ela evoluir como ser humano.

Confinada é um retrato do que se passou no Brasil em pandemia, sobretudo nos anos de 2020 e 2021, contexto no qual muitas pessoas ainda se preservavam em suas casas e a vida social se manifestava apenas de forma *online*. Ju, no final da história, após denunciar as opressões e crueldades a que era submetida através do *Instagram* de sua patroa, consegue ganhar notoriedade e recebe uma oportunidade de uma agência de influenciadores digitais que tinham como pauta a vida de mulheres pretas cujas histórias de vida, a presença e resistência mostravam o poder dessas mulheres na contemporaneidade. A voz de Ju se fez necessária para mostrar às pessoas que “a senzala moderna é o quartinho de empregada” (ASSIS; OLIVEIRA, 2021, p. 119).

O ano de 2020 terá sido uma encruzilhada na história humana, que só descobriremos depois *a posteriori*? Estaremos diante da afirmação incontestável das formas de vida atuais ou desejaremos criar novas maneiras de estar no mundo? Imagens, ideais, teatros,

concentrações, desigualdades, precariado global, elites transnacionais que encomendam discursos nacionalizantes populistas...Conhecer cada vez mais os funcionamentos intrincados entre os sistemas concretos que ordenam a vida e, portanto, desenham caminhos em nossa vida subjetiva poderia nos ajudar a escolher por onde ir (HOMEM, 2020, p. 54).

Ler sobre a situação que vivemos durante o auge da pandemia parece um ato agonizante, e é. *Confinada* é muito mais do que um retrato triste do cárcere que estivemos nos anos de 2020 e 2021. A pandemia acentuou as desigualdades, ceifou vidas, permitiu ainda mais a concentração de renda, escancarou as injustiças sociais e instaurou o medo na sociedade. A leitura deste fantástico livro em quadrinhos também promove a consciência e a crítica de como estávamos reféns de políticas públicas genocidas, perigosas e violentas, e como a sociedade se comportou com o vírus impondo temor, trancando pessoas e impossibilitando relações sociais além das telas.

Referências

ASSIS, Leandro & OLIVEIRA, Triscila. *Confinada*. São Paulo: Todavia, 2021.
HOMEM, Maria. *Lupa da alma: Quarentena-revelação*. São Paulo, Todavia, 2020.

Recebido em 31 de agosto de 2022.
Aprovado em 25 de janeiro de 2023.